The book cover features a central illustration of a woman in a long, light-colored dress standing in a garden. She is surrounded by dense foliage, including large green leaves and clusters of red flowers. The overall style is reminiscent of early 20th-century book art.

CASIMIRO de ABREU

CANTOS
DE TRISTEZA
E DE
SAUDADE

CASA EDITORIAL
FRANCO-IBERO AMERICANA



CANTOS DE TRISTEZA
E DE SAUDADE

BIBLIOTECA MINIATURA

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE ANTONIO SERGIO

CASIMIRO DE ABREU

CANTOS
DE TRISTEZA
E DE SAUDADE



CASA EDITORIAL
FRANCO-IBERO-AMERICANA
222, boulevard Saint-Germain, 222
PARIS

PREFACIO

Reunimos em outro volume da Miniatura as poesias amorosas de Casimiro de Abreu. Neste tomo se incluíram as que foram inspiradas ao poeta—quer pela nostalgia do Brasil, enquanto viveu em Portugal; quer pela tristeza do seu destino, onde se travaram em conflito o espirito do poeta e o trabalho do caixeiro; quer pelo adeus á própria vida, desde que sentiu a morte próxima, pela tísica pulmonar. Em suma: cantos de tristeza e de saudade, desde a Canção do Exílio ao Livro Negro...

Aquela teimosia do pai do poeta, em querer mantê-lo forçosamente na vida comercial, foi tanto mais absurda e dolorosa quanto a

CASIMIRO DE ABREU

epoca romântica, em que viveu, havendo feito do artista uma concepção revolta e exaltada, concorria a agravar a incompatibilidade com a profissão a que o condenavam. «Lembro-me perfeitamente» (diz êle, falando da sua Musa, «Virgem Loura», nesse documento de auto-psicologia com que fechamos o presente volume); «lembro-me perfeitamente: foi num dia de Setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escritório, e embrenhei-me no mundo dos algarismos. Abracei a vida comercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades num único pensamento, o dinheiro, e que, se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a inteligência. Fatal dia! Negra hora! Desde então, fugiu-me a Virgem Loura, e de balde a tenho procurado ao clarão da lua,

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

na luz das estrelas, nas ondas do mar, nas flores do prado, em tudo; nunca mais a vi. Hoje a minha alma, árida e triste de tanto sonho dourado e de tanta ilusão brilhante, só tem lágrimas para chorar êses belos dias em que ela me dizia os seu segredos divinos. Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gelo: —Nunca mais hás de encontrá-la!»

Aliás, ainda que faltasse êsse pormenor, seria sempre acaso um infeliz: porque, se já a sensibilidade de qualquer artista o torna especialmente vulnerável, as concepções do artista romântico levavam-no por natureza a um estado mórbido. Desejavam a paixão em jacto contínuo, e pediam á paixão a felicidade. As tristezas, os desespêros, as blasfêmias, vinham-lhes da teimosia de levarem sempre a glorioso exagêro as emoções,

CASIMIRO DE ABREU

de tenderem artificialmente as cordas da alma, de se terem proposto um ideal quimérico, tempestuoso e desvairado, incompatível com uma vida sã. Tinham a vontade da emoção, que neles era, por vezes, uma coisa preconcebida. Por isso, nesse mesmo trecho que já citámos, diz o poeta: «Ojalá se eu entrasse agora nessa casa, estou certo que ao transpor a porta cairia de joelhos, e que a minha alma, transbordando de saudade, havia de romper em um desses choros prolongados e sentidos que revelam uma dor profunda». Em suma, supunham que sem tais excessos, sem esses transbordamentos sentimentais, não há arte possível nem valor humano. Deliciosa candidez, que, além da admiração, os torna dignos de nos inspirarem a mais comovida das simpatias!

A. S.

CANÇÃO DO EXILIO

*Oh! mon pays sera mes amours
Tou ours*

CHATEAUBRIAND.

Eu nasci além dos mares:
Os meus lares,
Meus amores ficam lá!
—Onde canta nos retiros
Seus suspiros,
Suspiros o sabiá!

CASIMIRO DE ABREU

Oh! que céu, que terra aquella,
Rica e belia
Como o céu de claro anil,
Que seiva, que luz, que gal s,
Não éxhalas
Não exhalas, meu Brasil!

Oh! que saudades tamanhas
Das montanhas,
D'aquelles campos nataes,
D'aquelle céu de saphira
Que se mira,
Que se mira nos cristaes!

Não amo a terra do exilio,
Sou bom filho,
Quero a patria, o meu país,
Quero a terra das mangueiras
E as palmeiras,
E as palmeiras tão gentís!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Como a ave dos palmares

Pelos ares

Fugindo do caçador,

Eu vivo longe do ninho,

Sem carinho,

Sem carinho e sem amor!

Debalde eu ólho e procuro...

Tudo escuro

Só vejo em roda de mim!

Falta a luz do lar paterno

Doce e terno,

Doce e terno para mim

Distante do solo amado

—Desterrado—

A vida não é feliz.

CASIMIRO DE ABREU

N'essa eterna primavera
Quem me dera,
Quem me dera o meu país!

Lisboa—1855.

MINHA TERRA

*Minha terra tem palmeiras
Onde canta o sabiá*

G. DIAS.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas débeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha;
—Hei de dar-lhe a realeza
N'esse trono de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

CASIMIRO DE ABREU

Correi pr'as bandas do sul :
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brasil;
—E' uma terra de amores
Alcatifada de flôres
Onde a brisa fala amores
Nas bellas tarde de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
—E' uma terra encantada
—Mimoso jardim de fada—
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem equal.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas—a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flôres que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

E' um país majestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
—Tem serranias gigantes
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

CASIMIRO DE ABREU

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um sólo d'açucenas,
Suspensa a rêd? de pennas
Ali nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi ali que n'outro tempo
A' sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brasileiro;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo, que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Quando Dirceu e Marilia
Em terníssimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneio;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na laranjeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a majestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade;
Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade!

CASIMIRO DE ABREU

Um povo ergueu-se cantando
—Mancebos e anciãos—
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos;
Foi bello vêr esse povo
Em suas glórias tão novo,
Bradando cheio de fogo:
—Portugal! somos irmãos!

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra
Nem os ecos da montanha
Ao longe diziam—guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Se brasileiro eu nasci
Brasileiro hei de morrer.
Que um filho d'aquellas mattas
Ama o céu que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Se chora pelos encantos
Que nunca mais ha de vêr.

Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyrê formoso
Da goiabeira no ramo!

CASIMIRO DE ABREU

Quis cantar a minha terra,
Mas não póde mais a lyra;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscrito, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar—suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
E' uma terra de amores
Alcatifada de flôres
Onde a brisa em seus ruyões
Murmura:—não tem rival!

Lisboa—1856.

SAUDADES

Nas horas mortas da noite
Como é doce o meditar
Quando as estrellas scintillam
Nas ondas quietas do mar;
Quando a lua majestosa
Surgindo linda e formosa,
Como donzella vaidosa
Nas aguas se vai mirar!

CASIMIRO DE ABREU

N'essas horas de silencio,
De tristezas e de amor,
Eu gosto de ouvir ao longe,
Cheio de mágoa e de dôr,
O sino do campanario,
Que fala tão solitario
Com esse som mortuario,
Que nos enche de pavor.

Então—proscrito e sósinho—
Eu solto aos eccos da serra
Suspiros d'essa saudade
Que no meu peito se encerra.
Esses prantos de amargores
São prantos cheios de dôres:
—Saudades—dos meus amores
—Saudades—da minha terra!

CANÇÃO DO EXILIO

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meus Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na lara jeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Meu Deus, eu sinto e tu bem vêes que eu
Respirando este ar; [morro
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gôsos do meu lar!

CASIMIRO DE ABREU

O país estrangeiro mais bellezas
Do que a patria, não tem;
E este mundo não val um só dos beijos
Tão doces duma mãe!

Dá-me os sitios gentís onde eu brincava;
Lá na quadra infantil;
Dá que eu veja uma vez o céu da patria,
O céu do meu Brasil!

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
Cantar o sabiá!

Quero vêr esse céu da minha terra
Tão lindo e tão azul!
E a nuvem côr de ros que passava
Correndo lá do sul!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Quero dormir á sombra dos coqueiros,
As folhas por docel;
E vêr se apanho a borboleta branca,
Que vôa no vergel!

Quero sentar-me á beira do riacho
Das tardes ao cair,
E sósinho scismando no crepusculo
Os sonhos do porvir!

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
A voz do sabiá!

Quero morrer cercado dos perfumes
D'um clima tropical,
E sentir, expirando, as harmonias
Do meu berço natal!

CASIMIRO DE ABREU

Minha campa será entre as mangueiras
 Banhada do luar,
E eu contente dormirei tranquillo
 A' sombra do meu lar!

As cachoeiras chorarão sentidas
 Porque cedo morri,
E eu sonhó no sepulchro os meus amores
 Na terra onde nasci!

Se eu tenho de morrer na flôr dos annos,
 Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, á tarde,
 Cantar o sabiá!

Lisboa—1857.

MINHA MÃE

Oh! l'amour d'une mère! amour que nul n'oublie.
V. HUGO.

Da patria formosa distante e saudoso,
Chorando e gemendo meus cantos de dôr,
Eu guardo no peito a imagem querida
Do mais verdadeiro, do mais santo amor:

—Minha Mãe!—

CASIMIRO DE ABREU

Nas horas caladas das noites d'estio
Sentado sósinho co'a face na mão,
Eu choro e soluço por quem me chamava
—«Oh! filho querido do meu coração!»
—Minha Mãe!—

No berço, pendente dos ramos floridos
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
—Minha Mãe!—

De noite, alta noite, quando eu já dormia
Sonhando esses sonhos dos anjos dos céus,
Quem é que meus labios dormentes roçava,
Qual anjo da guarda, oual sopro de Deus?
—Minha Mãe!—

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Feliz o bom filho que pode contente
Na casa paterna de noite e de dia
Sentir as caricias do anjo de amores,
Da estrella brilhante que a vida nos guia!
—Uma Mãe!—

Por isso eu agora na terra do exilio,
Sentado sósinho co'a face na mão,
Suspiro e soluço por quem me chamava:
—«Oh filho querido do meu coração!»—
—Minha Mãe!—

Lisboa—1855.

JURITY

Na minha terra, no bolir do matto,
A juryty suspira;
E como o arrulo dos gentís amores,
São os meus cantos de secretas dôres
No chorar da lyra.

De tarde a pomba vem gemer sentida
A' beira do caminho;
—Talvez perdida na floresta ingente—
A triste geme n'essa voz plangente
Saudades do seu ninho.

CASIMIRO DE ABREU

Sou como a pomba e como as vozes della
E' triste o meu cantar,
—Flôr dos tropicos—cá ña Europa fria
Eu definho, chorando noite e dia
Saudades do meu lar.

A jurity suspira sobre as folhas seccas
Seu canto de saudade;
Hymno de angustia, férvido lamento
Um poema de amor e sentimento,
Um grito d'orfandade!

Depois... o caçador chega cantando,
A' pomba faz o tiro...
A bala acerta e ella cai de bruços,
E a voz lhe morre nos gentís soluços,
No final suspiro.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

E como o caçador, a morte em breve
 Levar-me-há comsigo;
E descuidado, no sorrir da vida,
Irei sósinho, a voz desfallecida,
 Dormir no meu jazigo.

E—morta—a pomba nunca mais suspira
 A' beira do caminho;
E como a jurity,—longe dos lares—
Nunca mais chorarei nos meus cantares
 Sandades do meu ninho!

Lisboa—1857.

MEUS OITO ANNOS

Oh! souvenirs! printemps! aurores!

V. HUGO.

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquellas tardes fagueiras
A' sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

CASIMIRO DE ABREU

Como são bellos os dias
Do despontar da existencia!
—Respira a alma innocencia
Como perfumes a flôr;
O mar é—lago sereno,
O céu—um manto azulado,
O mundo—um sonho dourado,
A vida—um hymno d'amor!

Que aurora, que sol, que vida,
Que noites de melodia
Naquella dôce alegria,
Naquelle ingenuo folgar!
O céu bordado d'estrellas,
A terra de aromas cheia,
As ondas beijando a areia
E a lua beijando o mar!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Oh! dias da minha infancia!
Oh! meu céu de primavera!
Que doce a vida não era
Nessa risonha manhã!
Em vez das mágoas de agora,
Eu tinha nessas delicias
De minha mãe as caricias
E beijos de minha irmã!

Livre filho das montanhas,
Eu ia bem satisfeito,
Da camisa aberto o peito,
—Pés descalços, braços nus—
Correndo pelas campinas
A' roda das cachoeiras,
Atrás das azas ligeiras
Das borboletas azues!

CASIMIRO DE ABREU

Naquelles tempos ditosos
Ia colher as pitangas,
Trepava a tirar as mangas,
Brincava á beira do mar;
Resava ás Ave-Marias,
Achava o céu sempre lindo,
Adormecia sorrindo
E despertava a cantar!

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,
Da minha infancia querida
Que os annos não trazem mais!
—Que amor, que sonhos, que flôres
Naquellas tardes fagueiras
A sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjaes!

Lisboa—1857.

NO LAR

*Terra da minha patria, abre-me o seio
Na morte — ao menos.*

GARRETT.

I

Longe da patria sob um céu diverso
Onde o sol como aqui tanto não arde
Chorei saudades do meu lar querido
—Ave sem ninho que suspira á tarde.—

CASIMIRO DE ABREU

No mar—de noite—solitario e triste
Fitando os lumes que no céu tremiam
Avido e louco nos meus sonhos d'alma
Folguei nos campos que meus olhos viam.

Era patria e familia e vida e tudo,
Gloria, amores, mocidade e crença,
E, todo em choros, vim beijar as praias
Porque chorara n'essa longa ausencia.

Eis-me na patria, no país das flôres,
—O filho pródigo a seus lares volve,
E concertando as suas vestes rotas,
O seu passado com prazer revolve!—

Eis meu lar, minha casa, meus amores,
A terra onde nasci, meu tecto amigo,
A gruta, a sombra, a solidão, o rio
Onde o amor me nasceu—cresceu comigo.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Os mesmos campos que eu deixei creança,
Arvores novas... tanta flôr no prado!...
Oh! como és linda minha terra d'alma,
—Noiva enfeitada para o seu noivado!—

Foi aqui, foi alli, além... mais longe,
Que eu sentei-me a chorar no fim do dia;
—Lá vejo o atalho que vai dar á varzea...
Lá o barranco por onde eu subia!...

Acho agora mais secca a cachoeira
Onde banhei-me no infantil cansaço...
—Como está velho o laranjal tamanho
Onde eu caçava o sanhassú a laço!...

Como eu me lembro dos meus dias puros!
Nada me esquece! e esquecer quem ha-de?
Cada pedra que palpo, ou tronco, ou folha,
Fala-me ainda d'essa doce idade!

CASIMIRO DE ABREU

Eu me remoço recordando a infancia,
E tanto a vida me palpita agora
Que eu dera, oh! Deus! a mocidade inteir
Por um só dia do viver d'outr'ora!

E a casa?... as salas, estes moveis... tudc
O crucifixo pendurado ao muro...
O quarto do oratorio... a sala grande
Onde eu temia penetrar no escuro!...

E ali... n aquelle canto... o berço armado
E minha mana, tão gentil, dormindo!
E mamãe a contar-me historias lindas
Quando eu chorava e a beijava rindo!

Oh! primavera! oh! minha mãe querida!
Oh! mana, anjinho que eu amei com ancia
Vinde vêr-me, em soluços—de joelhos—
Beijando em choros este pó da infancia!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

II

Meu Deus! eu chorei tanto lá no exílio!
Tanta dôr me cortou a voz sentida,
Que agora n'este gôso de proscripto
Chora minh'alma e me sucumbe a vida!

Quero amor! quero vida! e longa e bella,
Que eu, Senhor! não vivi—dormi apenas!
Minh'alma que se expande e se entumece
Despe o seu luto nas canções amenas.

Que sêde que eu sentia nessas noites!
Quanto beijo roçou-me o labios quentes!
E, pallido, acordava no meu leito
—Sósinho—e órfão das visões ardentes!

CASIMIRO DE ABREU

Quero amor! quero vida! aqui, na sombra,
No silencio e na voz desta natura;
—Da primavera de minh'alma os cantos
Caso co'as flôres da estação mais pura.

Quero amor! quero vida! os labios ardem...
Preciso as dôres dum sentir profundo!
—Sôffrego a taça exgotarei dum trago
Embora a morte vá topar no fundo.

Quero amor! quero vida! Um rosto virgem,
—Alma de archanjo que me fale amores,
Que ria e chore, que suspire e gema
E doure a vida sobre um chão de flôres.

Quero amor! quero amor! Uns dedos brancos
Que passem a brincar nos meus cabellos;
Rosto lindo de fada vaporosa
Que dê-me vida e que me mate em zelos!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Oh! céu da minha terra—azul sem mancha—
Oh! sol de fogo que me queima a fronte,
Nuvens douradas que correis no occaso,
Nevoas da tarde que cobris o monte;

Perfumes da floresta, vózes doces,
Mansa lagôa que o luar prateia,
Claros riachos, cachoeiras altas,
Ondas tranquillias que morreis na areia;

Aves dos bosques, brisas das montanhas,
Bentevis do campo, sabiás da praia,
Cantai, correi, brilhai, minh'alma em ancias
Treme de gôso e de prazer desmaia!

Flôres, perfumes, solidões, gorgeios,
Amor, ternura—modulai-me a lyra!
—Seja um poema este ferver de ideas,
Que a mente cala e o coração suspira.

CASIMIRO DE ABREU

Oh! mocidade! bem te sinto e vejo!
De amor e vida me trasborda o peito...
Basta-me um anno!... e depois, na sombra,
Onde tive o berço quero ter meu leito!

Eu canto, eu choro, eu rio, e grato e louco
Nos pobres hymnos te bemdigo, oh! Deus!
Deste-me os gôsos do meu lar querido...
Bemdito sejas!—vou viver c'os meus!

Inday'assú—1857.

A VOZ DO RIO

(NUM ALBUM)

Nosso sol é de fogo, o campo é verde,
O mar é manso, nosso céu azul!
—Ai porque deixas este patrio ninho
Pelas friezas dos vergeis do sul?

Lá nessa terra onde o Guahyba chora
Não são as noites, como aqui, formosas,
E as duras asas do Pampeiro iroso
Quebra as tulipas e desfolha as rosas.

CASIMIRO DE ABREU

A lua á doce, nosso mar tranquillo,
Mais leve a brisa, nosso céu azul!...
—Tupá! quem troca peio patrio ninho
As ventanias dos vergeis do sul?

Lá novos campos outros campos ligam
E a vista fraca na extensão se perde!
E tu sósinha viverás no exilio
—Garça perdida nesse mar que é verde!—

Nossas campinas como doces noivas
Vivem c'os montes sob o céu azul!
—Ha vida e amores neste patrio ninho
Mais rico e bello que os vergeis do sul!

Essas palmeiras não têm tantos leques,
O sol das Pampas mareou seu brilho,
Nem cresce o tronco que susteve um dia
O berço lindo em que dormiu teu filho!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Nossas florestas sacudindo os galhos
Tocam c'os braços este céu azul!...
—Se tudo é grande n'este patrio ninho
Porque deixá-lo p'ra viver no sul?!

Embora digas:—essa terra fria
Merece amores, é irmã da minha—
Quem dar-te póde este calor do ninho,
A luz suave que o teu berço tinha?!

Eu—Guanabara—no meu longo espelho
Reflecto as nuvens d'este céu azul;
—O' minha filha! acalentei-te o sono,
Porque me deixas p'ra viver no sul?!...

Lá, quando a terra s'embuçar nas sombras,
E o sol medroso s'esconder nas aguas,
Teu pensamento, como o sol que morre,
Há de scismando mergulhar-se em máguas!

CASIMIRO DE ABREU

Mas se forçoso t' é deixar a patria
Pelas friezas dos vergeis do sul,
O' minha filha! não t'esqueças nunca
D'estas montanhas, d'este céu azul.

Tupá bondoso te derrame graças,
Doce ventura te bafeje e siga,
E nos meus braços—ao voltar do exilio—
Saudando o berço que teu labio diga:

«Volvo contente para o patrio ninho,
«Deixei sorrindo esses vergeis do sul;
«Tinha saudades d'este sol de fogo...
«Não deixo mais este meu céu azul!...

Rio—1858.

PRIMAVERAS

I

A primavera é a estação dos risos,
Deus fita o mundo com celeste afago,
Tremem as folhas e palpita o lago
Da brisa louca aos amorosos frisos.

Na primavera tudo é viço e gala,
Trinam as aves a canção de amores,
E doce e bella no tapiz das flôres
Melhor perfume a violeta exhala.

CASIMIRO DE ABREU

Na primavera tudo é riso e festa,
Brotam aromas do vergel florido,
E o ramo verde de manhã colhido
Enfeita a frente da aldeã modesta.

A natureza se desperta rindo,
Um hymno immenso a criação modula,
Canta a calhandra, a jurity arrulla,
O mar é calmo porque o céu é lindo.

Alegre e verde se balança o galho,
Suspira a fonte na linguagem meiga,
Murmura a brisa:—Como é linda a veiga!
Responde a rosa:—Como é doce o orvalho!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

II

Mas como ás vezes sobre o céu sereno
Corre uma nuvem que a tormenta guia,
Tambem a lyra alguma vez sombria
Solta gemendo de amargura um treno.

São flôres murchas:—o jasmim fenece,
Mas bafejado s'erguerá de novo
Bem como o galho de gentil renovo
Durante a noite, quando o orvalho desce.

Se um canto amargo de ironia cheio
Treme nos labios do cantor mancebo,
Em breve a virgem de seu casto enlevo
Dá-lhe um sorriso e lhe entumece o seio.

CASIMIRO DE ABREU

Na primavera—na manhã da vida—
Deus ás tristezas o sorriso enlaça,
E a tempestade se dissipa e passa
A' voz mimosa da mulher querida.

Na mocidade, na estação fogosa,
Arma-se a vida— a mocidade é crença,
E a alma virgem n'esta festa immensa
Canta, palpita, s'extasia e gosa.

1858

1.º de Julho—1858.

MINH'ALMA É TRISTE

Mon cœur est plein -- je veux pleurer !
LAMARTINE.

Minh'alma é triste como a rôla afflita
Que o bosque accorda desde o alvor da aurora
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as ilusões perdidas.
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já foram lidas.

CASIMIRO DE ABREU

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são iguaes á queixa
Que a vaga solta quando beija a praia.

Como a creança que banhada em prantos
Procura o brinco que levou-lhe o rio,
Minh'alma quer ressuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gôsos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste.
—Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porquê—mas a minh'alma é triste!

II

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo o morto sobre a lage fria;
E doce e grave qual no templo un hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Se passa um bote com as velas sôltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares;
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

A's vezes, louca, num scismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tôa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas aguas de gentil lagôa!

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tive outr'ora.

Dizem que ha gôsos no correr dos annos!...
Só eu não sei em que o prazer consiste.
—Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste!

III

Minh'alma é triste como a flôr que morre
Pendida á beira do riacho ingrato;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem dôce canto o sabiá do matto;

E como a flôr que solitária pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murçha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa!

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas dessa frente de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh! quantas vezes a preendi nos braços!
Que o diga e fale o laranjal florido!
Se mão de ferro espedaçou dous laços
Ambos choramos mas num só gemido!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Dizem que ha gôsos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste!
—Eu vejo o mundo na estação das flôres...
Tudo sorri mas a minh'alma é triste!

IV

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto;
E como o nauta sobre o mar sanhudo,
Longe da praia que julgou tão perto!

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem:
—Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem.

De tanto fogo tinha a mente cheia!...
No afan da gloria me atirei com ansia...
E, perto ou longe, quis beijar a s'reia
Que em doce canto me attraiu na infância.

CASIMIRO DE ABREU

Ai! loucos sonhos de mancebo ardente
Esp'ranças altas... Ei-las já tão razas!..
—Pombo selvagem, quis voar contente,
Feriu-me a bala no bater das azas!

Dizem que ha gôsos no correr da vida.
Só eu não sei em que o prazer consiste
—No amor, na gloria, na mundana lida
Foram-se as flôres—a minh'aíma é triste

Março 12—1858.

A' MORTE

de A. Coutinho MESSÉDER

É triste vêr a flôr que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!

É bem triste dos annos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flôres,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chamma ardente
Num crânio de vulcão?

P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
A's vezes no embrião?!....

CASIMIRO DE ABREU

Pois não fôra melhor vivesse a planta
Cujó perfume a solidão encanta
No socego do val?...

—Não veríamos nós neste martyrio
Desfallecer tão bello o pobre lirio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! Nesse peito nobre
E n'essa frente que o sepulcro cobre
Era fundo o sentir!

Agora solitário tu descansas,
E contigo esse mundo de esperanças
Tão rico do porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrella
Sumida, como no horisonte a vela
Nas névoas da manhã!

A sepultura foi ha pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
A' voz de sua irmã!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

É mudo aquelle a quem irmão chamámos,
E a mão que tantas v zes apertámos

Agora é fria já!

Não mais nos *bancos* esse rosto amigo,
Hoje escondido no fatal jazigo

Comnosco sorrirá!

Mancebo, atraz da glória que sorria,
Sonhou grandezas para a patria um dia,
E a ella os sonhos deu;

Mártyr do estudo, na sciencia ingrata
Bebeu nos livros esse fel que mata

E pobre adormeceu!

Era bem cedo!—Na manhã da vida
Chegar não pôde á terra promettida

Que ao longe lhe sorriu!

Embora desta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternas carinhos,

Cansado succumbiu!

CASIMIRO DE ABREU

Era bem cedo!—Tanta gloria ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
 Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebô! no fervor dessa alma
Ao colher do futuro a verde palma
 Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
 Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
 As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infancia,
Quando as almas das rosas na fragrancia
 Bem dizem só á Deus
Sentido e grave á beira do ataúde
Sentido e grave á beira do ataúde
 Dizer-te o extremo adeus!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Descança! Se no céu há luz mais pura,

De certo gosarás nessa ventura

Do justo a placidez!

Se há doces sonhos no viver celeste,

Dorme tranquillo á sombra do cypreste.

—Não tarda a minha vez!

Maio—1858.

INFANCIA

O' anjo da loura trança,
Que esperança
Nos traz a brisa do sul!
—Correm brisas das montanhas...
Vê se apanhas
A borboleta de azul!...

O' anjo da loura trança,
És creança,
A vida começa a rir.
—Vive e folga descansada,
Descuidada
Das tristezas do porvir.

CASIMIRO DE ABREU

O' anjo da loura trança,
 Não descansa
A primavera irda em flôr;
Por isso aproveita a aurora
 Pois agora
Tudo é riso e tudo amor.

O' anjo da loura trança,
 A dôr lança
Em nossa alma agro descrever.
—Que não encontres na vida,
 Flôr querida,
Senão contínuo prazer.

O' anjo da loura trança,
 A onda é mansa,
O céu é lindo docel;
E sobre o mar tão dormente,
 Docemente
Deixa correr teu batel.

A J. J. C. MACEDO JUNIOR

*Poète, prends ta lyre ; aigle, ouvre ta jeune aile.
Étoile, étoile, lève-toi !*

V. HUGO.

Como o indio a saudar o sol nascente,
Co' o sorriso nos labios, franco e ledó

Aperto a tua mão :

Cantor das açucenas, crê-mé agora,
Este canto que a lyra balbucia

É pobre, mas irmão !

CASIMIRO DE ABREU

Quando se sente como eu sinto e soffro,
A mente ferve e o coração palpita

De glorias e de amor:

Se ouço Arthur ao piano eu me extasio,
Mas ouvindo teus hymnos me arrebatô

E pasmo ante o cantor!

Na juventude, no florir dos annos,
Não sei que vozes me entornaram n'alma

Canções de cherubim!

Uns perdem, como eu, cedo os verdores,
Mas outros crescem no primor das graças

E tu serás assim!

Oh! mocidade! como és bella e rica!
Hymnos de amores n'este sec'lo bruto!

Louvor ao menestrel!

Palmas a ti, cantor das açucenas!
Quatorze primaveras n'essa fronte

Similham-te um laurel!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Quando tão moço, no raiar da vida,
Já doce cantas como o doce aroma
Das languidas cecens,
Pódes, creança, erguer a fronte altiva!
Como André-Chénier, no craneo augusto
Alguma coisa tens !

Não desmintas, irmão, este propheta,
Sibarita indolente, sobre rosas
Não queiras tu dormir,
Se ao longe já te brilha amiga estrella
Aproveita o talento—estuda e pensa—
É bello o teu porvir!

Não faças como nós; na infancia apenas,
Solta, poeta, o gorgear de amores,
Que é doce o teu cantar;
Seja a vida p'ra ti só riso e galas
E adormecas a scismar chimeras
Da noite no luar.

CASIMIRO DE ABREU

Não faças como nós; não desças louco
A buscar sensações na bruta orgia
Das longas saturnaes;
Se a lama impura salpicar-te as pennas,
Sacode as asas, minha pomba casta
E foge dos pardaes.

Não manches, meu poeta, as vestes brancas
No mundo infame; mirra-se a grinalda
E vão-se as illusões!
A crença se desbota e o nauta chora
Desanimado no vai-vem teimoso
Dos grossos vagalhões!

Foge do canto da gentil sereia
Que engana com sorrisos de feitiços
—Tão pállida Rachel!
Não encostes na taça os labios cõffregos...
O vaso queima e beberás nos risos
Da amargura o fel!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Conserva na tua alma a virgindade,
E tenha o coração na rica aurora

Das rosas o matiz;

Se a donzella cuspir nos teus amores
Chora perdida essa illusão primeira...

Mas vive e sê feliz!

Se a dôr fôr grande não te vergues fraco,
Oh! não escondas no sepulcro a fronte

Aos raios d'este sol;

Não vás como Azevedo—o pobre genio—
Embrulhar-te sem dó na flôr dos annos

Da morte no lençol!

Vive e canta e ama esta natura,
A patria, o céu azul, o mar sereno,

A veiga que seduz;

E possa, meu poeta, essa existencia
Ser um lindo vergel todo banhado

De aromas e de luz!

CASIMIRO DE ABREU

Oh! canta e canta sempre! esses teus hymnos
Eu sei, terão no céu ecos mais santos

Que a terra não dará;

Oh! canta! é doce ao triste que soluça
Ouvir saudoso no cahir da tarde

A voz do sabiá!

Canta! e que teus hymnos d'esperança
Despertem d'este mundo de miserias

A estúpida mudez!

E dos preludios d'essa lyra ingenua
Em poucos annos surgirá brilhante

Millevoye—talvez!

Maio—1858.

UMA HISTORIA

A brisa dizia á rosa :
—«Dá, formosa,
Dá-me, linda, o teu amor;
Deixa eu dormir no teu seio
Sem receio,
Sem receio, minha flôr!

De tarde virei da selva
Sobre a relva
Os meus suspiros te dar;

CASIMIRO DE ABREU

E de noite na corrente
Mansamente,
Mansamente te embalar!))—

E a rosa dizia á brisa:
—«Não precisa
Meu seio dos beijos teus;
Não te adoro... és inconstante...
Outro amante,
Outro amante aos sonhos meus!

Tu passas de noite e dia
Sem poesia
A repetir-me os teus ais;
Não te adoro... quero o Norte
Que é mais forte,
Que é mais forte e eu amo mais!))—

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

No outro dia a pobre rosa
Tão vaidosa
No hastil se debruçou;
Pobre d'ella! Teve a morte
Porque o Norte,
Porque o Norte a desfolhou! ..

Novembro—1858.

NO LEITO

Se eu morresse dmanhã!
A DE AZEVEDO.

I

Eu soffro:—o corpo padece
E minh'alma se estremece
Ouvindo o uobrar d'um sino!
Quem sabe?—A vida fenece
Como a lampada no templo
Ou como a no'a dum hyr.no!

CASIMIRO DE ABREU

A febre me que'ma a frõte
E dos tumulos a aragem
Roçou-me a pállida face;
Mas no delirio e na febre
Sempre o teu rosto contemplo,
E serena a tua imagem
Vela á minha cabeceira,
Rodeada de poësia,
Tão bella como no dia
Em que vi-te a vez primeira!
Teu riso a febre me acalma;
—Ergue-se viva a minh'alma
Sorvendo a vida em teus labios
Como o saibo dos licores,
E na voz, que é toda amores,
Como um balsamo bemdito,
Ouvindo-a, eu, pobre, palpito,
Sou feliz e esqueço as dôres.

II

Se a morte colher-me em breve,
Pede ao vento que te leve
O meu suspiro final;
—Será queixoso e sentido,
Como da rôla o gemido
Nas moitas do laranjal.

Quisera a vida mais longa
Se mais longa Deus ma dera,
Porque é linda a primavera,
Porque é doce este arrebol,
Porque é linda a flôr dos annos
Banhada da luz do sol;
Mas se Deus cortar-n e os dias
No meio das melodias,

CASIMIRO DE ABREU

Dos sonhos da mocidade,
Minh'alma tranquilla e pura
A' beira da sepultura
Sorrirá á eternidade.
Tenho pena... sou tão moço!
A vida tem tanto enlevo!
Oh! que saudades que levo
De tudo que eu tanto ame!
—Adeus oh! sonhos dourados,
Adeus oh! noites formosas,
Adeus futuro de rosas
Que nos meus sonhos creei!

Ao menos, nesse momento
Em que o letargo nos vem
Na hora do passamento,
No suspirar da agonia
Terei a fronte já fria
No collo de minha mãe!

III

Mas eu bendigo essas dôres,
Mas eu abenção o leito
Que tantas máguas me dá;
Se me jurares, querida,
Que meu nome no teu peito
Morto embora—viverá!
—Que ás vezes na cruz singela
Tu irás pállida e bella
Desfolhar uma saudade!
—Que de noite, ao teu piano,
Na voz que a paixão desata,
Chorarás a—*Traviata*
Que eu d'antes amava tanto
Nas ancias de tanto amor!

CASIMIRO DE ABREU

—E que darás compassiva
Uma gotta de teu pranto
A' memoria morta ou viva
Do teu pobre sonhador!

Bem dita, bem dita sejas,
Se nas notas bemfazejas
Tua alma falar co'a minha
N'essa linguagem do céu
Que o pensamento adivinha!
Eu—o filho da poesia—
Dormirei no meu sepulchro,
Embalado em harmonia
Ao som do piano teu!

IV

Que tem a morte de feia?
—Branca virgem dos amôres,
Toucada de murchas flôres,

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Um longo somno nos traz;
E o triste que em dôr aneia
—Talvez morto de cansaço—
Vai dormir no teu regaço
Como n'um claustro de paz!

Oh! virgem das sepulturas,
Teu beijo mata as venturas
Da terra, mas rasga o véu
Que a eternidade nos véla;
E nós—os filhos do erro—
Libertos d'este desterro,
Vamos contigo, donzella,
No branco leito de pedra,
Onde a miseria não medra,
Sonhar os sonhos do céu!...
Ha tantas rosas nas campas!
Tanta rama nos ciprestes!
Tanta dôr nas brancas vestes!

CASIMIRO DE ABREU

Tanta doçura no luar!
—Que ali o morto poeta
Nos seus intimos segredos,
A' sombra dos arvoredos
Póde viver e sonhar!

V

Assim,— se ámanhã, se logo,
Sentires na face amada
Passar um sopro de fogo
Que te queime o coração,
E uma mão fria e gelada
Comprimir a tua mão
Frisando os cabellos teus:
—Não tenhas tu vãos temores,
Pois é minh'alma, querida,
Que ao desprender-se da vida
—Toda saudade e amores—
Vai dizer-te o extremo adeus!...

NO JARDIM

Tête sacrée ! enfant aux cheveux blancs !

V. HUGO

Ella estava sentada em meus joelhos
E brincava comigo—o anjo louro,
E passando as mãosinhas no meu rosto
Sacudia, rindo, os seus cabellos d'ouro.

E eu, fitando-a, abençoava a vida!
Feliz sorvia n'esse olhar suave
Todo o perfume d'essa flôr da infancia,
Ouvia alegre o gazear dessa ave!

CASIMIRO DE ABREU

Depois a borboleta da campina,
Toda azul—como os olhos grandes della—
A doudejar, gentil, passou bem junto
E beijou-lhe da face a rosa bella.

—Oh! como é linda! disse o louro anjinho
No doce accento da virginea fallá—
Mamãe me ralha se eu ficar cansada,
Mas—dizia a correr—hei de apanhá-la!—

Eu segui-a, chamando-a, e ella, rindo,
Mais corria, gentil, por entre as flôres,
E a—flôr dos ares—abaixando o vôo
Mostrava as azas de brilhantes côres.

Iam, vinham, á roda das acacias,
Brincavam no rosal, nas violetas,
E eu longe dizia:—Que doudinhas!
Meu Deus! meu Deus! são duas borboletas!

HORAS TRISTES

Eu sinto que esta vida já me foge
Qual d'harpa o som final,
E não tenho, como o naufrago nas ondas,
Nas trevas um fanal!

Eu soffro e esta dôr me atormenta,
É um supplicio atroz!
E p'ra contá-la falta á lyra cordas
E aos labios meus a voz!

A's vezes, no silencio da minh'alma,
Da noite na mudez,
Eu crio na cabeça mil fantasmas
Que aniquilo outra vez!

CASIMIRO DE ABREU

Doe-me inda a bocca que queimei sedente
Nas esponjas de fel,
E agora sinto no bulhar da mente
A torre de Babel!

Sou triste como o pae que as bellas filhas
Viu languidas morrer,
E já não pousam no meu rosto pallido
Os risos do prazer!

E comtudo, meu Deus! eu sou bom moço,
Devra só me rir,
E ter fé e ter crença nos amores,
Na gloria e no porvir!

Eu devera folgar nesta natura
De flôres e de luz,
E, mancebo, voltar-me p'r'o futuro,
Estrella que seduz!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Agora em vez dos hymnos d'esperança,
 Dos cantos juvenis,
Tenho a satyra pungente, o riso amargo,
 O canto que maldiz!

Os outros,—os felizes dêste mundo,
 Deleitam-se em saraus;
Eu solitario soffro e odeio os homens,
 P'ra mim são todos maus!

Eu olho e vejo...—a veiga é de esmeralda,
 O céu é todo azul.
Tudo canta e sorri... só na minh'alma
 O lodo d'um paú!

Mas se ella—a linda filha de meu sonho,
 A pallida mulher
Das minhas fantasias, dos seus labios
 Um riso, um só me der;

CASIMIRO DE ABREU

Se a doce virgem pensativa e bella,
—A pudica vestal
Que eu creei numa noite de delirio
Ao som da saturnal;

Se ella vier eternecida e meiga
Sentar-se junto a mim;
Se eu ouvir sua voz mais doce a terna
Que um doce bandolim;

Se o seu labio affagar a minha fronte
—Tão férvido vulcão!
E murmurar baixinho ao meu ouvido
As falas da paixão;

Se cahir desmaiada nos meus braços
Morrendo em languidez,
Decerto remoçado, alegre e louco
Sentira-me talvez!...

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Talvez que eu encontrasse as alegrias
 Dos tempos que lá vão,
E afogasse na luz da nova aurora
 A dôr do coração!

Talvez que nos meus labios desmaiados
 Brilhasse o teu sorrir,
E de novo, meu Deus, tivesse crença
 Na gloria e no porvir!

Talvez minh'alma ressurgisse bella
 Aos raios d'esse sol,
E nas cordas da lyra seus gorgeios
 Trinasse um rouxinol!

Talvez então que eu me pegasse á vida,
 Com ancia e com ardor,
E pudesse aspirando os seus perfumes
 Viver do seu amor!

CASIMIRO DE ABREU

P'ra ella então seria a minha vida.

A gloria, os sonhos meus;

E dissera chorando arrependido:

—Bemdito seja Deus!--

Abril—1858.

DORES

Há dôres fundas, agonias lentas,
Dramas pungentes que ninguém consola,
 Ou suspeita sequer!
Máguas maiores do que a dôr dum dia,
Do que a morte bebida em taça morna
 De lábios de mulher!

Dôces falas de amor que o vento espalha,
Juras sentidas de constancia eterna
 Quebradas ao nascer;
Perfidia e olvido de passados beijos...
São dôres essas que o tempo cicatriza
 Dos annos no volver.

CASIMIRO DE ABREU

Se a donzella infiel nos rasga as folhas
Do livro d'alma, magoado e triste

Suspira o coração;

Mas depois outros olhos nos cativam,
E loucos vamos em delirios novos

Arder noutra paixão.

Amor é o rio claro das delicias

Que atravessa o deserto, a veiga, o prado,

E o mundo todo o tem!

Que importa ao viajor que a sêde abrasa,

Que quer banhar-se nessas aguas claras,

Ser aqui ou além?

A veia corre, a fonte não se estanca,

E as verdes margens não se crestam nunca

Na calma dos verões;

Ou quer na primavera, ou quer no inverno,

No doce anseio do bolir das ondas

Palpitam corações.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Não! a dôr sem cura, a dôr que mata,
É, moço ainda, perceber na mente
A duvida a sorrir!
É a perda dura dum futuro inteiro
E o desfolhar sentido das gentis corôas,
Dos sonhos do porvir!

É vêr que nos arrancam uma a uma
Das asas do talento as penas de ouro,
Que vôam para Deus!
É vêr que nos apagam d'alma as crenças
E que profanam o que santo temos
Co' o riso dos ateus!

É assistir ao desabar tremendo,
Num mesmo dia, d'illusões douradas,
Tão candidas de fé!
E vêr sem dó a vocação torcida
Por quem devera dar-lhe alento e vida
E respeitá-la até!

CASIMIRO DE ABREU

É viver, flôr nascida nas montanhas,
Para aclimar-se, apertada n'uma estufa
A' falta de ar e luz!

É viver, tendo n alma o desalento,
Sem um queixume, a disfarçar as dôres
Carregando a cruz!

Oh! ninguem sabe como a dôr é funda,
Quanto pranto se engcle e quanta angustia,
A alma nos desfaz!

Horas ha em que a voz quasi blasfema...
E o suicidio nos acena ao longe
Nas longas saturna s!

Definha-se a existencia a pouco e pouco,
E ao labio descorado o riso franco
Qual d'antes, já não vem;
Um véu nos cobre de mortal tristeza,
E a alma em luto, despi 'a dos encantos,
Amor nem sonhos tem!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Murcha-se o viço do verdor dos annos,
Dorme-se moço e despertamos velho,
Sem fogo para amar!

E a fronte joven que o pesar sombreia
Vai, reclinada sobre um cello impuro,
Dormir no lupanar!

Ergue-se a taça do festim da orgia,
Gasta-se a vida em noites de luxuria
Nos leitos dos bordeis,

E o veneno se sorve a longos tragos
Nos seios brancos e nos labios frios
Das languidas Phrynés!

Esquecimento!—mortalha para as d'ôres—
Aqui na terra é a embriaguez do gôso,
A febre do prazer:

A dôr se a'oga no fervor dos vinhos,
E no regaço das Marcôs modernas
É doce então morrer!

CASIMIRO DE ABREU

Depois o mundo diz :—Que libertino !

A folgar no delirio dos alcouces

As asas empanou!—

Como se elle, algoz das esperanças,

As crenças infantis e a vida d'alma

Não fôsse quem matou!...

Oh! ha dôres tão fundas como o abysmo,

Dramas pungentes que ninguem consola

Ou suspeita sequer!

Dôres na sombra sem caricias d'anjo,

Sem voz de amigo, sem palavras doces,

Sem beijos de mulher!...

Rio—1858.

POBRE CRIANÇA

Pobre criança, que te affliges tanto
Porque sou triste e a chorar me vês,
E que borrifas com teu doce pranto
Meus pobres hymnos sem calor, talvez;

Deus te abençoe, cherubim formoso,
Branca açucena que o paúl brotou!
Teu pranto é gotta de celeste gôso
Na úlcera funda que ninguem curou.

CASIMIRO DE ABREU

Pállido e mudo e do caminho em meio
Sentei-me á sombra soffredor e só!
Do choro a baga humedeceu-me o seio,
Da estrada a gente me cobriu de pó!

Meus tristes cantos comecei chorando,
Santas endeixas, dcloridos ais...
E a turba andava! Só de vez em quando
Languido rosto se volvia atrás!

E louca a turba que passou sorrindo
Julgava um hymno o que eu chamava um ai!
Alguem murmura:—Como o canto é lindo!—
Sorri-se um pouco e caminhande vai!

Bemdito sejas, cherubim d'amores,
Branca açucena que o paúl brotou!
Teu pranto é gotta que mitiga as dôres
Da úlcera funda que ninguem curou!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Há na minh'alma alguma coisa vago,
Desejos, ânsias, que explicar não sei:
Talvez—desejos—d'algum lindo lago,
—Ansias—d'um mundo com que já sonhei...

E eu soffro, ó anjo; na cruel vigilia
O pensamento inda redobra a dôr,
E passa linda do meu sonho a filha
Soitas as tranças a morrer de amor!

E louco a sigo por desertos mares,
Por doces veigas, por um céu de azul;
Pouso com ella nos gentis palmares
A' beira d'agua, nos vergeis do sul!...

E a vírgem foge... e a visão se perde
Por outros climas, n'outro céu de luz;
E eu—desperto do meu sonho verde—
Acordo e choro carregando a cruz!

CANTOS DE AMOR

Pobre poeta! na manhã da vida
Nem flôres tenho, nem prazer também!
—Roto mendigo que não tem guarida—
Tímido espreito quando a noite vem!

Bemdito sejas, cherubim d'amores,
Branca açucena que o paúl brotou!
Teu doce pranto me acalenta as dôres
Da úlcera funda que ninguem curou!

A minha vida era areal despido
De relva e flôr e na estação louçã!
Tu foste o lyrio que nasceu, querido,
Entre a neblina de gentil manhã.

Em ondas mortas meu batel dormia,
Chorava o panno á viração subtil,
Mas veio o vento no correr do dia
E, leve, o bote resvalou no anil.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Eu era a flôr do escalavrado galho
Que a tempestade no passar quebrou;
Tu foste a gotta do bemdito orvalho,
E a flôr pendida a reviver tornou.

Teu rosto puro restitue-me a calma,
Ergue-me as crenças, que já vejo em pé;
E teus olhares me derramam n'alma
Doces consolos e orações de fé.

Não serei triste; se te ouvir a fala
Tremo e palpito como treme o mar,
E a nota doce que teu labio exhala
Virá sentida ao coração parar.

Suspenso e mudo no mais casto enlevo
Direi meus hymnos c'os suspiros teus,
E a ti, meu anjo, a quem a vida devo
Hei-de adorar-te como adoro a Deus!

POIS NÃO É ?

Vêr cair o cedro annoso
Que campeava na serra,
Vêr frio baixar á terra
O pobre velho bondoso
Que procurando repouso
Tropeçou na sepultura;
É triste, sim, é verdade,
Mas não tão grande a saudade
Nem a dôr tão funda e dura,
Pois que ao velho e ao cedro altivo

CASIMIRO DE ABREU

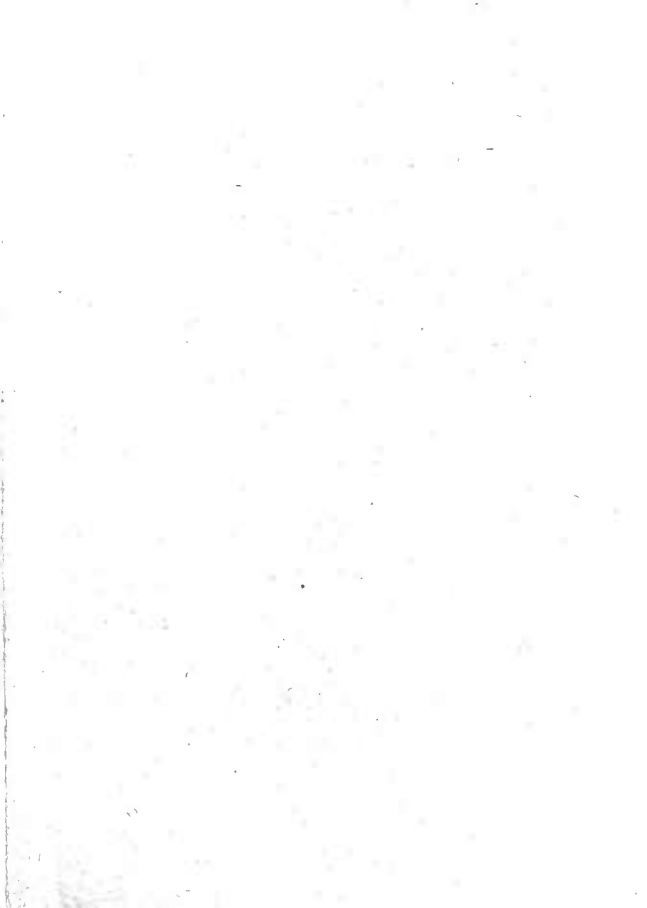
Partido á voz da procella,
No mundo—jardim lascivo—
A vida foi longa e bella.
Mas vêr a rosa do prado
Que á aurora deu côr e vida,
De manhã—flôr do valado,
De tarde—rosa pendida!...

Mas vêr a pobre mangueira
Na primavera primeira
Crescendo toda enfeitada
De folhas, perfume e flôr,
Ouvindo o canto de amor
No sopro da viração;
Mas vêl-a depois lascada
Em duas cahir no chão!...
Mas vêr o pobre mancebo

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Em quem a seiva reluz,
No sonho candido e puro
Nas glorias do seu futuro
Dourando a vida de luz;
Mas vê-lo quando a sua alma
Ao som de ignota harmonia
Se derramava em poesia;
Quando junto da donzella
—Captivo dos olhos d'ella—
Na voz que balbuciava
De amores falava a medo;
Quando o peito trasbordava
De crenças, de amor, de fé,
Vê-lo finir-se tão cedo,
Como as vozes d'um segredo...
É dôr de mais—pois não é?!...

Inday'assú—1857.



ORAÇÕES

A alma, como o incenso, ao céu s'eleva
Da fêrvida oração nas asas puras,
E Deus recebe como um longo hosanna
O cantico de amor das creaturas.

Do trono d'ouro que circundam anjos
Sorrindo ao mundo a Virgem Mãe s'inclina
Ouvindo as vozes d'innocencia bella
Dos labios virginaes duma menina.

Da tarde morta o murmurar se cala
Ante a prece infantil, que sobe e vôa
Fresca e serena qual perfume doce
Das frescas rosas de gentil corôa.

CASIMIRO DE ABREU

As doces falas de tua alma santa
Valem mais do que eu valho, oh! cherubim!
Quando resares por teu irmão, á noite.
Não t'esqueças tambem—resa por mim!

Rio—1858.

BALSAMO

Eu via lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dôr ferira!
A morte lhe roubara dum só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sósinha e desgrenhada
—Estatua da afflicção aos pés dum tumulo!—
O esqualido coveiro p'ra dous corpos
Ergueu a mesma enxada, e nessa noite
A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

.....

CASIMIRO DE ABREU

No entanto o sacerdote—fronte branca
Pelo gelo dos annos—a seu lado
Tentava consolá-la.

A mãe afflicta
Sublime dêsse bello desespero
As vozes não lhe ouvia; a dôr suprema
Toldava-lhe a razão no duro trance.

«Oh! padre!» disse a pobre s'estorcendo
Co'a voz cortada dos soluços d'alma,
«Onde o baxamo, as falas d'esperança,
«O allivio á minha dôr?!»

Grave e solemne,
O padre não falou—mostrou-lhe o céu!

Rio—1858.

FRAGMENTO

O mundo é uma mentira, a gloria—fumo,
A morte—um beijo, e esta vida um sonho
Pesado ou doce que se esvai na campal

O homem nasce, cresce, alegre e crente
Entra no mundo c'o sorrir nos labios,
Traz os perfumes que lhe dera o berço,
Veste-se bello d'illusões douradas,
Canta, suspira, crê, sente esperanças,
E um dia o vendaval do desengano
Varre-lhe as flôres do jardim da vida
E nú das vestes que lhe dera o berço

CASIMIRO DE ABREU

Treme de frio ao vento do infortunio!
Depois—louco sublime—elle se engana,
Tenta enganar-se p'ra curar as mágoas,
Cria phantasmas na cabeça em fogo,
De novo atira seu batel nas ondas,
Trabalha, lucha e se afadiga em balde
Até que a morte lhe desmacha os sonhos.
Pobre insensato—quer achar por força
Perola fina em lodaçal immundo!
—Menino louco que se cansa e mata
Atrás da berboleta que travêssa
Nas moitas do mangal vôa e se perde!...

Dezembro—1858.

RISOS

Ri, creança, a vida é curta
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

A vida é triste—quem nega?
—Nem vale a pena dizê-lo.
Deus a parte entre os seus dedos
Qual um fio de cabelo!

Como o dia, a nossa vida
Na aurora—é toda venturas,
De tarde—doce tristeza,
De noite—sombas escuras!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

A velhice tem gemidos,
—A dôr das visões passadas—
A mocidade— queixumes,
Só a infancia tem risadas!

Ri, creança, a vida é curta,
O sonho dura um instante.
Depois... o cipreste esguio
Mostra a cova ao viandante!

Rio—1858.

MEU LIVRO NEGRO

A Gonçalves Braga.

I

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado, perdão;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
A' velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão!

CASIMIRO DE ABREU

Obrigado! obrigado! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.

Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam:—«Inda é longê,
Muito longe o porvir?»

Obrigado! obrigado! tu respondes,
E queres que eu descubra no horizonte
O que é nuvem talvez!

Obrigado, cantor! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
P'ra cobrir-me a nudez!

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
A' porta do meu lar:

Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do Livro Negro,
Tu podes caminhar.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

II

Escuta:—Tu que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto—primaveras,
Aos goivos—um jardim!
Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
O tronco d'um jasmim!

É verdade, na mente deslumbrada,
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
De vago e de ideal!
Eram centelhas! mas dormindo ás soltas
Eu deixei consumir-se o fogo santo,
—Estupida vestal!

CASIMIRO DE ABREU

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo
 Que tanto me embalou!
A minha alma deserta de esperanças,
Já não póde sonhar! Meu Deus, é tarde!
 A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
 Nem lírios as manhãs.
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fruto da illusão nasceu precoce...
 Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufoão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nós ao céu se elevam
 Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
 Mas ai! no inverno eu só!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Na testa trago a rugã prematura,
E do labio na prega desdenhosa
 Não ha odio, mas fel!
Ruinas d'um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
 Mais longe um capital!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
 Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala—amores,
 Perfumes—o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
 A' garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flôres,
 Extinguiu-se o vulcão!

CASIMIRO DE ABREU

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos—o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga...
Mas a raça dos vis campeia impune
Porque eu sei perdoar!

Obrigado! obrigado! É doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal!

A lagrima a cair se muda em riso,
E pode a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival!

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
— Na fronte a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor!
Adeus! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura.
Sou fraco luctador!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Podes ir; eu te abraço e te abenço!
Volta e traze contigo as verdes palmas
Que o futuro te der;
Adeus! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e, tu bem sabes,
Eu amo outra mulher!

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça á luz do sol!
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama—a valla,
Por mortalha—o lençol!

Não quero a gloria, não! a gloria mente,
O fogo queima e a cicatriz não fecha,
E sangra o coração!...
Não quero a gloria: eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flôres no campo,
E um ninho no sertão.

CASIMIRO DE ABREU

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,

Sósinho e bem feliz!

Por noites de luar o sertanejo

Suspira na guitarra cantilenas

Que a lyra nunca diz!

Ha tristeza no choro das cascatas,

Ha mysterios nas vozes das florestas,

Ha silphos pelos céus!

Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,

Em voz baixa ergue os hymnos de ventura,

E baixo adora a Deus!

Da mulher adorada a fronte santa

Sentirá no sagrado dos colloquios

Como é fundo o sentir!

Do seu amor—que é perola sem preço—

Eu farei meu presente e meu passado,

Meu sonho o meu porvir!

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

A vida no deserto é lago placido,
No mar raivoso que sacode a escuma
E que sepulta a nau!

Eu lá serei feliz, das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração resada á noite
Pela quadra infantil;

Beijo a mão que embalo meu berço quente,
Creio no amigo; sei que o amor é santo
E sei que a gloria é vil!

Bem vês, eu não me animo ás vozes tuas!
Ai! é tarde, cantor! não posso... é tarde,
Não me embala a illusão!

Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo p'ra dizer-te d'alma:
«Oh! obrigado, irmão!»

CASIMIRO DE ABREU

III

Eu da porta da tenda te abenço!
Pódes ir, bom romeiro do progresso...
Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
—Oh! o amor da mulher por quem se chora
Vale mais que o porvir!

1859.

SETE DE SETEMBRO

A D. PEDRO II

I

Foi um dia de gloria!—O povo ativo
Trocou sorrindo as vozes de cativo
 Pelo cantar das festas!
O leão indomavel do deserto
Bramiu soberbo, dos grilhões liberto,
 No meio das florestas!

CASIMIRO DE APREU

Lá no Ypiranga do Brasil o Marte
Enrolado nas dobras do estandarte
Erguia o augusto porte;
Cercada a ronte dos laureis da gloria
Soltou tremendo o brado da victoria:
—Independencia ou morte!

O santo amor dos corações ardentes
Achou eco no peito dos valentes
No campo e na cidade;
E nos salões—do pescador nos lares,
Livres soaram hymnos populares
A' voz da liberdade.

II

Annos correram;—no torrão fecundo
Ao sol de fogo d'este novo-mundo
A semente brotou;

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE.

E franca e leda, a geração nascente
A' copa aliva da arvore frondente
Segura se abrigou!

A' roda da bandeira sacrosanta
Um povo esperançoso se levanta
Infante e a sorrir!
A nação do letargo se desperta,
E—livre—marcha pela estrada aberta
A's glórias do porvir!

O país, n'alegria todo immerso,
Velava attento á roda só d'um berço...
Era o vosso, Senhor!
Vós, do tronco feliz doce renovo,
Vêde agora, Senhor, na voz do povo
Quão grande é seu amor!

Rio—1858.

DEUS !

Eu me lembro! eu me lembro! Era pequeno
E brincava na praia; o mar bramia
E erguendo o dorso altivo, sacudia
A branca espuma para o céu sereno,

E eu disse a minha mãe n'esse momento :
«Que dura orchestra! Que furor insano!
«Que póde haver maior do que o oceano,
«Ou que seja mais forte do que o vento?!»—

CASIMIRO DE AEREU

Minha mãe a sorrir olhou p'r'os céus
E respondeu:—«Um Sêr que nós não vêmos
«E' maior do que o mar, que nós tememos,
«Mais forte que o tufão! meu filho, é Deus!»

Dezembro—1858.

A VIRGEM LOURA

I

Como é poetica e bella a quadra da infancia!

N'essa primavera da vida, como na primavera do anno, tudo que nos cerca são flôres e perfumes, tudo que vemos fala e nos sorri.

Os campos viçosos e floridos são o nosso recreio, as borboletas e os colibris nos seduzem, o gorgueio dos passarinhos nos deleita e a tempestade que passa no céu, bramindo na voz do trovão, nos assusta e faz-nos esconder a fronte no seio maternal.

CASIMIRO DE ABREU

Como é poetica e bella a quadra da infancia! E que saudade, que funda saudade não temos dêsse tempo, quando a nossa alma cheia de decepções e despoetizada pelas misérias da vida se recorda melancolica do passado!

Pelo menos a mim aconteceu-me isso; toda a vez que me lembro dos meus bellos dias de creança, estremeço e sinto que uma lagrima se desfia silenciosa pela face. E gosto dessa lagrima; quando se chora é porque o coração está vivo, é porque, embora embotado em parte, tem ainda um lado sensível que o lôdo do mundo não pôde manchar.

Por isso eu gosto de chorar, e apraz-me, ás vezes, quando estou sósinho, mergulhar o pensamento nesse passado que já vai tão longe, e pelo poder da imaginação vejo,

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

sinto e goso tudo que vi, senti e gosei nessa
idade de risos e de amores.

Minha querida infancia!

II

Nasci em... não, não digo o nome do lugar
onde eu nasci.

Para quê?... Hoje, na casa em que vi a
luz, moram estranhos, e estranhos não sabem
nem podem comprehender o encanto que eu
achava nessa pequena casa, para mim mais
bella que todos os palacios do mundo.

Moram estranhos, e, quem sabe? talvez
que suas mãos profanas fossem derribar a
figueira velha que me viu nascer, e arrancar
as roseiras que eu mesmo plantara no canto
do jardim!

CASIMIRO DE ABREU

Oh! se eu entrasse agora nessa casa, estou certo que ao transpôr a porta cairia de joelhos, e que a minha alma, trasbordando de saudade, havia de romper em um dêsse choros prolongados e sentidos que revelam uma dôr profunda. Algumas das recordações vagas que conservo se avivariam então, santas reminiscencias do lar me cercariam, e com o rosto escondido nas mãos, su'ocado em pranto, julgaria ouvir o eco de vozes já extinctas e soar de novo a meus ouvidos o canto melancolico com que minha mãe acalentava a irmã pequenina!

Não quero entrar nessa casa; far-me-ia mal...

III

Nasci no campo, e ao desprender-me das faxas infantis, ao saltar do berço, vi quasi

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

ao mesmo tempo o céu e o mar, os campos e as matas. Não foi na cidade, onde se morre abafado, não; foi ao ar livre, e, infante ainda, senti a brisa da praia brincar com meus cabelos e o vento da montanha trazer-me de longe o perfume das florestas.

Que deliciosa vida aquella! Como eu corria por aquelles prados! Que colheita que fazia de flôres! Que destemido caçador de borboletas!

Ah! meus oito annos! Quem me dera tornar a tê-los!... Mas... nada, não queria, não: aos oito annos ia eu para a escola, e confesso francamente que a palmatoria não me deixou grandes saudades.

IV

Mas o que me acontecia quando eu era pequeno, aquillo que vos quero contar, é

CASIMIRO DE ABREU

uma cousa que decerto tem acontecido a todas as creanças e em que bem poucas terão feito reparo.

Era uma mulher d'uma belleza extrema e de uma graça encantadora que, sempre coroadada de rosas e sorrindo-se ternamente, vinha todos os dias associar-se a nossos folguedos e partilhar nossas alegrias e pesares. Era uma virgem; dizia-o a pureza de seus bellos olhos e a suavidade d' sua fala.

Apesar de tantos annos, vou tentar pintá-la como a vi na infancia. Se o retrato sair imperfeito e as côres esmorecidas, desculpem-me; a minha palheta não é variada, e ao tocar nessas paginas do coração, a mão treme e o pincel ennodôa a tela.

V

Já lêstes aquelle lindo conto de fadas que um espirituoso folhetinista escreveu a proposito de Talberg? Se o lêstes quasi que conheceis a minha virgem, porque desconfio que ella e a fada eram amigas muito intimas.

—Era bella, já vos disse, e não acho com que a possa comparar.

—Uma vestal?

—Sería! mas seu rosto divinamente bello nem sempre tinha essa suavidade angelica das vestaes antigas, e seus olhos, segundo ella me disse depois, se umas vezes morriam de voluptuosidade, outras faiscavam de cólera.

Naquelle tempo eu vi-a sempre bondosa, terna e ingenua.

CASIMIRO DE ABREU

Quando ella sacudia aquella cabeça digna da estatuaria antiga, os seus cabellos, seus lindos cabellos louros, presos na fronte por uma grinalda, fugiam e flutuavam livres em graciosos anneis.

Trajava roupas taiares, tão alvas, tão alvas, que todos nós temíamos manchá-las quando as tocavamos.

Era muito linda; mas o que eu sobretudo admirava, na minha ingenuidade infantil, era a pureza e o brilho de seus olhos azues, que reflectiam a côr do céu. Como eram bellos! Nas horas de oração, de joelhos a nosso lado, ella erguia esses olhos para Deus e conservava-os assim longo tempo como num extasi; então eu via que suspensa de suas palpebras, tremia e brilhava uma lagrima como o cristal no lampadario do templo. E choravamos tambem, e uniamos nossas vozes

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

frescas á sua voz melodiosa, que entoava o cantico da infancia, sublime de simplicidade.

A minha virgem vivia sempre cantando; mas fazia-o com tal suavidade, com tal sentimento, que nós, suspensos e immoveis, ficavamos prêsos a esse dôce gorgoeio, que nos despertava sensações desconhecidas.

VI

—Mas, perguntará o leitor, quem era essa virgem? Donde tinha vindo?

—Adivinhem. Veio do céu, e quando Deus concluiu o mundo, ella achou-se de pé no meião da Creação esplendida, apparecendo em toda a parte e a todo o momento: de manhã ao despontar da aurora, de tarde ao declinar do dia e de noite ao clarão da lua.

Filha do céu, foi formada dum sorriso do

CASIMIRO DE ABREU

Eterno, brincou com as azas dum cherubim, e no Eden debruçou-se sobre o hombro de Eva, quando a natureza pasmava diante da mais perfeita obra do Creador.

O seu nome, quando eu era pequeno não o sabia; chamava-a unicamente—a Virgem Loura.

VII

Era muito nossa amiga, nunca nos abandonava, e era bello vêr um grupo de creanças, frescas e alegres como um dia de maio, cobrindo de beijos e caricias essa Virgem Loura a quem todos chamavam sua irmã.

Se a tarde era linda, se as aguas quietas do rio reflectiam toda a pureza dêste céu brasileiro, se a briza ciciava na folhagem da mangueira, então corriamos todos para o campo e iamos folgar á beira do riacho. Ahi

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

cada qual colhia flôres; um trazia rosas, outro açucenas, outro boas-noites; e rosas, açucenas, boas-noites, violetas, e todas as flôres da campina, formavam ramos gigantes e formosas grinaldas com que coroavamos a Virgem Loura.

Cercada de tanto perfume, coberta de tantas flôres, parecia um verdadeiro jardim! As folhas de rosas escondidas nas suas tranças douradas caídas no collo, no regaço, por toda a parte, diminuiam-lhe a alvura das vestes e a pallidez encantadora do rosto. Mas se lhe davamos flôres, ella pagava-nos com beijos.

Outras vezes iamos á praia apanhar conchas, gritavamos com o mar, e o gigante encolerizado bramia e recuava! depois, tranquilla, a onda vinha lamber a areia e fugia murmurando uma queixa.

CASIMIRO DE ABREU

Se batia o sino—Ave Maria—ella orava comnosco, e não sei, parecia-me que a oração assim tinha mais valor e que a Virgem Mãe sorria-se satisfeita. á: preces da infancia.

Muitas vezes, acordando de noite, achei a Virgem Loura á minha cabeceira; anjo da guarda, velava o meu somno de innocencia e velava tambem o das outras creanças, porque ella reproduzia-se e apparecia em mais dum lugar ao mesmo tempo.

Tudo isto fez com que eu lhe consagrasse uma amizade terna, santa e profunda, que nada pôde apagar; mas, creio que aos meus companheiros não aconteceu o mesmo. Muitos delles, envolvidos no turbilhão do mundo, esqueceram em breve essas scenas e esses amores candidos que matizam o alvorecer da vida.

VIII

Passou-se a idade infantil, entrei nos meus quinze anos, e a minha alma de adolescente, opulenta de seiva, rica de sentimento, expandia-se livre a todos os affectos nobres e santos como a flôr da solidão aos raios do sol nascente.

Amei.

E quem deixa de amar aos quinze annos? Quem, se nessa idade a nossa alma se apaixona tão facilmente? Se não fôr a uma mulher, ha de ser ás flôres, ás ondas, a Deus, e debalde perguntamos porque se inclina a nossa fronte languidamente e porque se nos fecham os olhos amortecidos.

Oh! aos quinze annos o coração pede amor como a terra sequiosa pede as chuvas do céu, como a flôr pendida uma gotta de orvalho.

CASIMIRO DE ABREU

Aos quinze annos, temos necessidade de amar, e os labios que escaldam desejam que os beijos de uma mulher venham matar a sêde que os abrasa.

Aos quinze annos amei.

Mas era esse amor puro e candido como nunca mais senti; amor que deixou vestigios immorredouros porque foi o primeiro, e que, hoje inteiramente perdido para mim, ainda constitue uma das mais gratas recordações da minha vida.

Nessa época de felicidade intima, em que meu coração novel lia pela vez primeira as paginas dum livro que nunca havia aberto; nessa época em que a minha alma cheia de entusiasmo nadava em ondas de harmonia; n'essa época a Virgem Loura esteve constantemente a meu lado.

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

Horas longas e longas, no silencio austero da noite, inclinada' sobre meu hombro, ella murmurava queixumes de amor, e minha mão corria sobre o papel procurando reproduzir o que me fervia na mente.

IX

Fui feliz! muito feliz!

A's vezes, inebriada de tanta ventura, entumecida de tanto gôsc, a minha alma ardente e apaixonada soltava palavras incoherentes, gritos mesmo, ria e chorava simultaneamente, e não ha palavras que possam traduzir o que eu sentia.

Houve então alguém que me chamou poeta.

X

Mas depois... a Virgem Loura, voluvel e caprichosa como todas as mulheres, abandonou-me.

Foi num dia... lembro-me perfeitamente, foi num dia de setembro. Abafando o grito de lamento da minha vocação contrariada, fui sentar-me á carteira de um escriptorio e embrenhei-me no mundo dos algarismos! Abracei a vida commercial, essa vida prosaica que absorve todas as faculdades num unico pensamento, o dinheiro, e que se não debilita o corpo, pelo menos enfraquece e mata a intelligencia.

Fatal dia! negra hora!

Desde então fugiu-me a Virgem Loura e debalde a tenho procurado ao clarão da lua,

CANTOS DE TRISTEZA E DE SAUDADE

na luz das estrellas, nas ondas do mars, nas flôres do prado, em tudo; nunca mais a vi!

Hoje a minha alma, arida e triste de tanto sonho dourado e de tanta illusão brilhante, só tem lagrimas para chorar esses bellos dias em que *ella* me dizia os seus segredos divinos.

Ai de mim! parece-me que ouço uma voz pausada e fria murmurar estas palavras de gêlo:—*Nunca mais has de encontrá-la!*

★
★ ★

—Mas quem era a Virgem Loura?

—A de olhos azues?

—Sim.

—Aquella que eu amava?

—Sim.

—Pois não adivinharam?!... Era—a poesia.



INDICE

Canção do Exillio	11
Minha Terra	15
Saudades	23
Canção do Exilio	25
Minha Mãe	29
Jurity	33
Meus Oito Anos	37
No Lar	41
A Voz do Rio.....	49
Primaveras	53
Minh'Alma é triste	57

CASIMIRO DE ABREU

A' Morte de A. Coutinho Messeder..	65
Infancia	69
A J. J. C. Macedo Junior	73
Uma Historia	79
No Leito	83
No Jardim	91
Horas tristes	93
Dores	99
Pobre Criança	105
Pois não é?	111
Orações	115
Balsamo	117
Fragmento	119
Risos	121
Meu Livro Negro.....	123
Sete de Setembro.....	133
Deus	137
A Virgem loura	139

IMPRIMERIE DU VAL-DE-GRACE
18, Rue du Val-de-Grâce — Paris.



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).